

## HOMILIA NA MISSA DA CEIA DO SENHOR

QUINTA-FEIRA SANTA 2012 - PORTUGAL

**Pe. Silvio Sassi**

Acabámos de escutar as palavras conclusivas de Jesus, na proclamação do **Evangelho** (Jo 13,1-15), depois de ter lavado os pés aos seus discípulos: «Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu fiz, vós façais também». O nosso Pai São Paulo, na **segunda leitura** (1Cor 11,23-26), ao recordar a instituição da Eucaristia, que também a ele foi transmitida por quem era cristão antes dele, cita as palavras de Jesus: «Fazei isto em memória de Mim». Na **primeira leitura** (Ex 12,1-8.11-14), a descrição da páscoa hebraica é concluída dizendo: «Esse dia será para vós uma data memorável, que haveis de celebrar com uma festa em honra do Senhor. Festejá-lo-eis de geração em geração, como instituição perpétua».

Em cada uma das três leituras existe **uma acção** que vem do passado e que se realiza na história do povo hebraico, na vida de Jesus, na experiência de fé e no apostolado de Paulo, que também nós somos chamados a realizar hoje. O significado do “fazer memória” nestas três passagens da Sagrada Escritura não é uma alusão a algo que faz parte do passado, mas recorda-nos o passado para compreendermos o sentido de uma acção que também nós devemos fazer hoje.

Quando os hebreus celebraram e celebram a Páscoa, «reunidos em família ou em grupo, escolhendo um cordeiro sem defeito, com características específicas para o imolar ao cair da tarde, comendo com toda a pressa pães ázimos e ervas amargas, tendo os rins cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão», é para **recriarem as condições materiais** em que os hebreus escravos no Egipto viveram a primeira Páscoa.

Quando Jesus abençoa e passa o pão e o cálice durante a celebração da sua última Páscoa com os discípulos (segundo os três Evangelhos sinópticos) e quando lava os pés aos seus discípulos (segundo o Evangelho de São João), faz um gesto que se torna não um episódio do passado, mas uma “forma de viver a fé” que é válida para todos os tempos.

Nesta noite, ao celebrarmos a Eucaristia devemos recordar contemporaneamente as duas afirmações: «**Fazei isto em memória de mim**» e «**fazei como eu fiz a vós**», porque a Eucaristia não é uma

cerimónia, mas é a comunhão com o estilo de vida de Cristo, para o assimilar, e torná-lo nosso como pessoa e como comunidade.

**Observemos bem o lava-pés para compreendermos o sentido da instituição da Eucaristia:** Jesus surpreende os seus discípulos porque faz uma acção que segundo as tradições do seu tempo só um escravo ou um servo a fazia quando o patrão ou um hóspede do patrão entravam em casa vindos de uma estrada poeirenta. É por isso que Pedro fica surpreendido e quer recusar a iniciativa de Cristo. Depois, tendo escutado as motivações, consente, interpretando de uma forma errada mas que Jesus a seguir corrige. O verdadeiro significado daquele gesto é explicado pelo próprio Cristo depois que retomou as suas vestes e o seu lugar à mesa.

Trata-se de um ensinamento solene que Ele dá enquanto “**Mestre e Senhor**”: «Se Eu, que sou Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros.» Quem quer estar com o Mestre e Senhor, deve tornar-se como ele “servo dos outros”, não “patrão”, nem “Mestre”, nem “Pai”, nem “proprietário”.

A lei que regula as relações na vida cristã é a atitude de “serviço”, colocando ao centro não a si próprio mas os outros. É uma forma de agir bem diferente das sociedades humanas onde muitas vezes as relações são motivadas pelo desejo de exercer um “poder”, para satisfazer os próprios interesses pessoais a ponto de usar os outros.

Certamente todos nós partilhamos estas reflexões e ensinamentos, considerando-os óbvios. Porém gostaria que juntos nos interrogássemos se temos um estilo de “serviço” ou de “poder” diante de um acontecimento que estamos a viver como congregação e como Família Paulista: a celebração do primeiro ano do triénio de preparação para o Centenário, programado para 20 de Agosto de 2014.

Interroguemo-nos, antes de mais, **como Família Paulista**. O beato Alberione pensou-nos e organizou-nos como “família” que tem em comum a origem (o mesmo fundador), a finalidade geral (a santificação), o mesmo espírito (paulista) e apostolados específicos mas complementares e convergentes.

Pertencer à Família Paulista é um **elemento imutável** da identidade das cinco Congregações, dos quatro Institutos agregados e da Associação Cooperadores Paulistas. Durante estes três anos devemos melhorar o “serviço” que cada uma das instituições faz às outras nove, quer para

aprofundar aquilo que é comum como o que é específico. Devemos rezar, meditar, pensar e evangelizar cada vez mais “juntos”, sem perder esta ocasião única.

A nível mundial a Família Paulista vive frequentemente uma experiência de profunda unidade naquilo que é comum e no que é complementar; mas existem também, sobretudo no apostolado, episódios em que nos ignoramos, nos prejudicamos, nos espiamos, nos copiamos sem ética, competimos entre nós. Tudo isto não é um “serviço”, mas atitudes de “poder”. Devemos melhorar para sermos mais “família”.

Interroguem-nos agora como **Congregação** individualmente, sobretudo a Sociedade de São Paulo que é a célula-mãe de todas as outras instituições. Na eminência do Centenário, o nono capítulo geral deixou-nos um programa que é «**Reavivar o dom recebido em fidelidade criativa**».

Tomando em consideração as nossas dez Províncias e oito Regiões, através de um olhar rápido, e vê-se que existem **circunscrições** onde as gerações são homogêneas, no sentido de uma idade média elevada ou baixa; e existem outras circunscrições compostas por membros de várias gerações sem grandes diferenças entre uma e outra. A exigência de «reavivar o dom recebido» é **mais forte e activa** onde existem todas as gerações de Paulistas ou onde a média da idade é mais baixa; onde a média é alta ou predominam as gerações mais adultas, o desejo de «reavivar» é **menos sentido e criativo**.

Claro, podemos encontrar uma explicação psicológica e sociológica a esta atitude de pouca vontade de mudança, mas, como baptizados e como Paulistas, devemos ir buscar ao Evangelho de hoje a força para o “serviço” e não para o “poder”. Existe uma atitude de “**poder**” quando uma geração de Paulistas pensa ter o monopólio ou a exclusividade da identidade do carisma; existe “**serviço**” quando cada geração ajuda a outra a realizar a possibilidade de viver como Paulista no “próprio tempo” e não no século passado.

A seguir, enquanto for repetido o gesto de Jesus de lavar os pés aos seus discípulos, pensemos que uma maneira para dar forma concreta a este gesto simbólico é sentirmo-nos mais família entre nós e a ajudar **os mais jovens** para que sejam Paulistas de hoje com um amanhã entusiasmante.